
AZEREDO, Vânia Dutra de. Nietzsche e a aurora de uma nova ética. São Paulo: Humanitas; Ijuí: UNIJUÍ, 2008.

Iconoclasta, crítico feroz da tradição filosófica, transformador de valores, destruidor de verdades, adversário ferrenho da metafísica, esteta que permeia toda a sua filosofia de um chamado à afirmação da vida e de suas paixões, mestre da suspeita, pensador que proclama a morte de Deus e promove a implosão dos fundamentos de uma moral centrada em princípios e finalidades absolutos: muitas figuras são utilizadas para se referir a Nietzsche, muitas delas insuficientes para abarcar toda a complexidade de sua multifacetada obra filosófica. Por vezes, tais metáforas ou rótulos enfocam-no de modo excludente, trazendo a lume algumas idéias suas e deixando outras de lado ou ignoradas. Ora, considerando-se Nietzsche como crítico do conceito de verdade, é de se supor que também suas idéias se desdobrem num leque de perspectivas variadas, sem que nenhuma dentre elas detenha o status de certeza absoluta. Tal como o homem do qual fala, Nietzsche também é um avaliador, um criador e destruidor de valores, que faz sua existência através de suas interpretações. O que Vânia Dutra de Azeredo faz na obra em questão é justamente cotejar e analisar Nietzsche a partir de uma de suas múltiplas perspectivas: a de que, no terceiro período das reflexões do autor de *Ecce Homo*, através da crítica aos conceitos metafísicos tradicionais

e às morais de fundo deontológico e teleológico, o filósofo propicia a construção de uma nova ética, que leva em conta o homem como ser que produz destrói interpretações e valores sem cessar e que não possui um fundamento e nem uma finalidade. Uma ética pautada no amor fati, no amor ao destino e ao necessário, acoplando uma dimensão trágica na vida, como argumenta a autora. Tal é uma amostra da profunda riqueza do pensamento nietzschiano, que se renova a cada perspectiva, sem se esgotar num termo ou numa verdade última.

Para empreender sua análise, Azeredo utiliza-se das idéias defendidas por Nietzsche na fase final de sua obra. A periodização das obras do filósofo alemão que a autora leva em conta segue a classificação elaborada por Scarlett Marton, que as classifica em três fases: a primeira, marcada por **O** Nascimento da Tragédia, na qual predominam a influência e a crítica a Schopenhauer; a segunda, cuja obra mais representativa é Humano, demasiado Humano, na qual se desenvolve um pensamento positivista; e, por fim, a terceira, que se inicia com Assim falava Zaratustra. A escolha deste terceiro período, entretanto, não é arbitrária: Azeredo a toma como o momento em que se faz efetivamente a filosofia nietzschiana, em que seu pensamento se desenvolve com plena autenticidade e maturidade. É nesse estágio, portanto, que Nietzsche evidencia a elaboração da sua ética do amor fati.

O título do livro não poderia ser mais esclarecedor: o termo aurora remete claramente a uma emergência ou irrupção, ao vir à tona de algo anteriormente oculto ou adormecido; mais ainda, seu significado se liga à noção de passagem ou de trânsito, de mudança ou de devir, e, referindo-se à ética, a uma concepção do agir humano que é transitória. Como a ética do amor ao destino se assenta nos valores provisórios impostos pelas interpretações, o método mais conveniente para se analisar a irrupção de tal ética não é a reconstituição de seu fundamento e

tampouco desenhar seu horizonte teleológico: é necessária uma genealogia, que incida sobre as condições de surgimento dos valores e das interpretações. Este método, o preferido de Nietzsche, é o utilizado pela autora, uma vez que ele permite estruturar coerentemente as idéias do autor alemão. No caso, Azeredo fará a genealogia de três principais conceitos-chaves da filosofia nietzschiana: a vontade de potência, o além-do-homem e o eterno retorno do mesmo. É por eles que se trilha o caminho que desemboca no amor fati.

Na primeira parte, intitulada **A** interpretação: perspectivas de um aumento de potência, a autora explicita a crítica de Nietzsche em relação ao conceito de verdade e de valores eternos, pilares culturais do Ocidente que remontam à filosofia de Platão, reforçados pela influência do cristianismo. Tal paradigma estabelece uma diretriz de validade universal, subjacente a todas as interpretações e opiniões, um valor máximo que é tomado como medida de todos os outros valores. **O** que Nietzsche intenta fazer com sua argumentação a favor de um perspectivismo é justamente destituir o conceito de verdade da sua pretensão de ser eterno e de seu peso axiológico máximo; o autor alemão, ao situar a valoração no próprio homem, fragmenta esta verdade antes una e inabalável. Portanto, o que antes era certo e verdadeiro torna-se somente mais uma interpretação criada e imposta pelo ser humano, cuja existência é tão unicamente avaliar e emitir valores. Interpretação dotada de volatilidade, podendo facilmente ser dissolvida e substituída por outra.

Azeredo introduz a noção nietzschiana de interpretação a fim de argumentar que a ética do amor fati não só carece de fundamento como também não necessita dele. Com isso, constitui-se sua moral como desprovida de todo e qualquer ranço deontológico. Sem uma verdade ou um fundamento ao qual se estabeleceria seu dever, descobre-se também uma perspectiva ética distante de um horizonte

teleológico. As interpretações, como bem lembra a autora citando o pensador de Sils-Maria, não se orientam a nenhuma finalidade; elas são tecidas e destruídas pelo homem unicamente pelo prazer de criar e destruir. Isso porque as interpretações nascem diretamente dos impulsos inerentes ao homem e da sua luta por efetivação de forças. Toda avaliação e valoração surgem, portanto, a partir das forças em perpétuo combate no homem, e cada interpretação emitida nada mais é do que um impulso a se efetivar. A transvaloração e a mudança constante evidenciam o momento em que um impulso sobrepuja outro e executa-se uma mudança na hierarquia que rege as forças em luta; assim, a vontade de potência (*der Wille zur Macht*) define a existência do homem como um eterno postulador de interpretações.

O segundo passo que a autora aponta na direção da nova ética é a noção de além-do-homem (*Übermensch*), tratada na segunda parte de seu livro, *Do trágico ao ético: o percurso de uma afirmação*. Trata-se, entretanto, de uma etapa de transição: antes das considerações acerca da idéia nietzschiana de eterno retorno do mesmo, Azeredo intencionalmente trata da ultrapassagem do homem pela superação de si mesmo a fim de dissolver noções de eternidade e atemporalidade. Um procedimento genealógico, sem dúvida; porém necessário para a dissolução dos conceitos universais que obstruem a plena emergência do amor fati. Desta maneira, a luta constante dos impulsos acaba por tornar mutantes e fluidas as avaliações humanas; o ser dos valores transforma-se em vir-a-ser. Toda nova interpretação significa uma alteração da estrutura hierárquica dos impulsos humanos, seja no que diz respeito a um aumento das forças e também no que se refere ao enfraquecimento e decadência. O homem vive em constante transformação porque é um ser que visa a aumentar seu poder e se ultrapassar, indo além de si mesmo. Logo, a ética do amor ao destino, além de não trabalhar com uma moral de valores universais e sumamente necessários, incide sobre um sujeito cujo agir é movido pela criação e pelo devir. Trata-se de

uma esfera de ação movida pela ousadia da transvaloração.

Sua ética, sem fundamento nem finalidade, também desconhece qualquer caráter linear no tempo. O combate dos impulsos não tem começo nem fim; toda criação e destruição são sempre um novo início ou um novo término. Chega-se assim à idéia de eterno retorno do mesmo, conceito de difícil assimilação em Nietzsche. Não se deve confundir-lo com a eternidade da qual fala Platão e prega o cristianismo; não se trata aqui dum eterno transcendente e superior ao mundo concreto, mas de uma perspectiva de eternidade pensada na imanência e sem um sentido teleológico e impositivo de deveres.

A melhor maneira de se resumir o significado desta idéia é a apresentação que faz dela Azeredo, tomando-a como "círculo mundano de interpretações". Dizer que o homem cria e dissolve interpretações pela inocência e pelo prazer da criação e da destruição, e que tais avaliações vão se sobrepondo uma a outra devido à luta entre forças e a vontade de efetivação de cada uma delas, leva à conclusão de que tais forças não possuem termo nem princípio justamente por carecerem de fundamento e de fins, como já foi dito, é afirmar que desde sempre o homem já se encontra existindo como vontade de potência e combate incessante de impulsos. Inexistem uma causa primeira ou um significado ulterior para o viver, o ser, o conhecer e o agir humanos. Conclui-se que o eterno retorno do qual fala Nietzsche nada mais é do que a alteração incessante da hierarquia de forças que regem a vontade de potência; pode-se dizer que se trata dum permuta entre impulsos que se faz ad infinitum. É o golpe de misericórdia aplicado na idéia de verdade e de valores universais e extemporâneos; em outras palavras, com o eterno retorno, vislumbra-se o percurso de transformação das idéias e dos valores, reforçando sua natureza efêmera e volátil.

É pelo entrelaçamento das noções de vontade de potência, de além-do-homem e de eterno retorno do mesmo que Azeredo define a nova ética apontada

por Nietzsche. Desaparecem as figuras do dever, da verdade que funda uma moral e a justifica, da utilidade como fim para toda ação prática, da clivagem entre as vontades e a ação. O discurso ético nietzschiano se assenta numa multiplicidade de perspectivas e numa busca incessante de fortalecimento e efetivação de poder por parte do homem, ancorada numa vontade ilimitada. A autora coloca a ética do amor fati sustentada sobre dois pilares: a natureza trágica da vida e o clássico imperativo de Píndaro: "torna-te quem tu és". Como identifica Azeredo, o amor ao destino é, inexoravelmente, amar quem se é, quem se foi e quem ainda será; é a suma aceitação da vida em seu conteúdo integral. Numa ótica nietzschiana, é assumir todas as interpretações passadas sem qualquer traço de culpa ou ressentimento, incluindo-se aí aquelas ligadas ao agir. É abordar a ética sob um viés trágico, uma vez que os heróis das tragédias gregas não lutavam nem se ressentiam de seu destino, mas o assumiam inteiramente. É também um chamado à autenticidade, no que se refere à sentença de Píndaro.

A conclusão de Azeredo, após a genealogia desses conceitos, é a expressão afirmativa da vida, tão almejada por Nietzsche, na perspectiva do amor fati. Amar o destino é manifestar a petição de uma existência autêntica, em resumo, propiciar uma redescoberta do que é mais propriamente humano em detrimento das interpretações que foram impostas sob o verniz de "verdade absoluta". Azeredo mostra que a ética concebida por Nietzsche tem o objetivo de resgatar a dimensão do homem como criador de valores, sem, no entanto, nenhum interesse soteriológico; tal reconstrução é feita unicamente para que o homem possa ultrapassar a si próprio e não se fixar numa redenção imóvel. A perspectiva trazida a lume pela autora fornece novos adendos para as discussões éticas atuais: uma nova maneira de pensar a moral, desvinculada de noções de utilidade e dever e mais alinhada ao que é genuinamente humano. Uma mudança do modo de interpretação.

José Marcelo Siviera Ramos

(Aluno da Faculdade de Filosofia, PUC-Campinas,
Bolsista PIBIQ/CNPq)